

A ESCOLA COMO ESPAÇO DE SOCIALIZAÇÃO: REFLEXÕES SOBRE JUVENTUDE E AS RELAÇÕES DE PODER

Aracele Barbosa Gomes; Maria Alcilene Vitória Batista Aires.

*Universidade Federal de Campina Grande/Centro de Desenvolvimento Sustentável do Semiárido - CDSA,
Mestrandas do PROFSOCIO; aracele_sum@hotmail.com; alcilenevitoria@hotmail.com.*

Resumo: Este artigo discute sobre as relações de poder estabelecidas na escola enquanto um dos principais espaços de vivências e de socialização entre os jovens e suas contradições sociais. Neste trabalho buscamos analisar como os jovens constroem sua identidade a partir do espaço da escola e como este se reflete em um espaço que constitui grupos e segrega indivíduos. Na intenção de discutirmos sobre as diferenciações a cerca das concepções de juventude e de compreender como os jovens estão construindo suas identidades e marcando espaços de interação e de relações de poder, que permitem a troca de experiências, a construção e o reconhecimento de sentidos e constituição de grupos, utilizamos a pesquisa bibliográfica. Para tanto, a escola enquanto uma das principais instituições sociais deve atentar-se para a necessidade de reconhecer o jovem em sua diversidade, promovendo a construção de identidade e de um projeto de vida, pois esta se apresenta menos desigual, mas permanece sendo injusta ao propor homogeneizar os jovens e suas identidades. Estas considerações, longe de serem conclusivas, suscitam diversas indagações sobre a condição do jovem e o espaço escolar na sociedade contemporânea.

Palavras-chave: Juventude, Escola, relações de poder.

INTRODUÇÃO

A juventude enquanto categoria social constitui-se como objeto de inúmeras discussões, reflexões e abordagens sociológicas, pedagógicas e antropológicas às quais buscam analisar mudanças físicas, comportamentais e psicológicas que se desencadeiam nessa fase da vida, tratando-a dentro dessa múltipla dimensão social, histórica, cultural e relacional.

Os estudos sobre a juventude no Brasil vêm ampliando-se de forma bastante intensa nos últimos anos, demonstrando consideráveis lacunas no entendimento da condição juvenil na sociedade contemporânea. É importante enfatizar que não se pode traçar um perfil único da juventude, pois apresentam-se diferentes abordagens para definir este segmento da população, pois a mesma está inserida em diferentes contextos socioeconômicos e culturais.

Por ser esta uma categoria socialmente produzida, precisamos levar em consideração as representações sobre a juventude, os sentidos atribuídos a essa fase da vida, assim como o tratamento e a posição social dada aos jovens pela sociedade, atribuindo a estes significados particulares em contextos históricos, sociais e culturais distintos. Como enfatiza Brumer (2007), existe hoje uma tendência na consideração da faixa etária para definir o período da juventude, sendo esta considerada de 15 a 24 anos, esta noção depende tanto da autoidentificação como do reconhecimento de outros.

A juventude é, portanto, um período de descobertas, experimentações e afirmações, sendo esta uma fase complexa de tomadas de decisões, seja no que se refere a escolhas profissionais, estudar ou não ou na definição de começar a trabalhar. Portanto, pode-se dizer que é um universo caracterizado por cobranças e opressões. Como nos afirma Dayrell e Carrano,

A juventude constitui um momento determinado, mas que não se reduz a uma passagem. Ela assume uma importância em si mesma como um momento de exercício de inserção social. (...) o indivíduo vai se descobrindo e descortinando as possibilidades em todas as instâncias de sua vida, desde a dimensão afetiva até a profissional. (DAYRELL & CARRANO, 2014, p.112).

Tomando essa concepção como referência, podemos compreender que as distintas condições sociais, a diversidade cultural, as diferenças territoriais, a diversidade de gênero, entre outros elementos se articulam para a constituição dos diferentes modos de vivenciar a juventude.

Daí a necessidade de se falar e conceber diferentes “juventudes”, ou seja, em um sentido mais amplo das heterogeneidades que se apresentam e que se possam visualizar entre os adolescentes e jovens, buscando assim construir uma noção de juventude em torno de dois eixos, a saber: como aparente unidade e como diversidade.

Segundo dados do IBGE – Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (2010)¹, temos uma média de 51,3 milhões de jovens entre 15 a 29 anos vivendo atualmente no Brasil, sendo 84,8 % nas cidades e 15,2 % no campo. Fazendo uma breve descrição nos últimos 50 anos sobre a juventude e suas condições de visibilidade na sociedade brasileira, podemos destacar que nas décadas de 1960 e 1970, os jovens brasileiros eram identificados pelos movimentos estudantis e o pertencimento às camadas médias. Já na década de 80, as metrópoles passam a apresentar várias “tribos” e subculturas juvenis, com características próprias das camadas populares. Nesse sentido, é importante destacar que a visibilidade dos jovens nos espaços urbanos é também simbólica, pois manifesta-se em diferentes estilos de vida, tipos de linguagem e formas de relações sociais. É somente a partir da década de 80 que os jovens pobres, passam a fazer parte do cenário social, demarcando territórios e apropriando-se de diferentes espaços urbanos. No entanto como enfatizado por Catani e Gilioli (2008), é apenas no fim da década de 1970 e parte dos anos 80 que os jovens das camadas mais pobres

¹ Dados obtidos através do site do IBGE. Disponível em: <https://censo2010.ibge.gov.br/noticias-censo.html?busca=1&id=3&idnoticia=1866&t=primeiros-resultados-definitivos-censo-2010-populacao-brasil-190-755-799-pessoas&view=noticia>. Acesso em 01 setembro de 2018.

passaram a ocupar espaço nos debates acadêmicos e midiáticos, devido à crise econômica desencadeada nesse período.

Vale ressaltar que neste contexto boa parte das discussões em torno da juventude popular foi marcada por estereótipos, os quais os rotulavam como marginais, reproduzindo um discurso de que estes representam “classes perigosas”. Habitualmente, os jovens eram e ainda são rotulados como impassíveis, alienados, transgressores.

Foi a partir de meados da década de 1990 que alguns estudiosos buscaram compreender os jovens para além dos estereótipos que os define ao estigma² de “jovens de risco”, procurando repensar a realidade dos sujeitos, tanto nos aspectos materiais como simbólicos, considerando as manifestações juvenis como legítimas, e que deveriam ser estudadas, compreendidas e apropriadas, com o intuito de apreender suas novas referências na rede de relações sociais. Tais estudos abrangeram não só o campo da sociologia, mas da educação também.

Dessa forma, considerando a relevância dos jovens, enquanto atores fundamentais para o processo de desenvolvimento dessa categoria social, o presente trabalho visa analisar como os jovens constroem sua identidade a partir do espaço da escola e como este último se apresenta como um espaço que constitui grupos e segrega indivíduos. Sendo assim, buscaremos apresentar as considerações de alguns pesquisadores do tema.

O texto se institui organicamente em quatro partes. Inicialmente apresentando questões á cerca do conceito de “juventudes” e entendendo as construções históricas e sociais. Em seguida a metodologia e os resultados e discussões, analisando a escola enquanto um espaço de socialização e construção da identidade dos jovens desencadeando-se em um espaço que forma grupos, segrega e constitui-se em violência simbólica. Por fim, tece algumas considerações finais.

A ESCOLA ENQUANTO ESPAÇO DE SOCIALIZAÇÃO E CONSTRUÇÃO DA IDENTIDADE DOS JOVENS

Os jovens consideram que é no espaço escolar que poderão desenvolver suas habilidades, impulsos, expandir relações sociais, realizar e construir desejos e projetos de

² Conceito utilizado por E. Goffman (1988) para referenciar uma identidade deteriorada, devendo, portanto ser combatida e evitada, pois é tida como um mal dentro da sociedade. De modo que, para a sociologia o conceito de estigma social está relacionado à categorização de um grupo por outro, conferindo-lhe um grau inferior de status social. Atribuir um estigma está relacionado com as prenoções, os preconceitos, os esterótipos e o medo do desconhecido que fazemos sobre os outros.

vida, que colaboram na formação de suas respectivas identidades. Espaço esse, considerado também lugar de se fazer amigos, de compartilhar experiências e de constituir valores, sendo este um espaço onde vivenciam parte significativa de seu cotidiano.

É importante destacarmos que para os jovens, a escola é o lugar mais importante de socialização, pois eles estão numa idade na qual o grupo, assim como, o sentimento de “pertencimento” tem uma relevância especial, o que faz com que muitas vezes, surja no contexto escolar uma diversidade significativa de conflitos, que podem resultar em problemas sérios. Dessa maneira, a escola é espaço de construção de saberes, de convivência e de socialização.

De acordo com Bourdieu e Passeron (2013), a escola não é imparcial e não transmite da mesma forma determinados conhecimentos, resultando assim em uma realidade injusta, pois esta reflete interesses da cultura da classe dominante. Uma vez que, esta trata de maneira igual àqueles considerados diferentes socialmente, sejam no que se refere aos direitos como aos deveres. Nesse sentido a escola acaba por privilegiar os que por sua herança cultural já são privilegiados.

Segundo Dayrell (2006), torna-se necessário compreender as práticas e símbolos dessa categoria como a manifestação de um novo modo de ser jovem, expressão das transformações ocorridas nos processos de socialização.

A escola deve reconhecer que enquanto instituição social é constituída por sujeitos socioculturais, que possuem distintas visões de mundo, valores morais e religiosos, tradições e preconceitos que se distinguem. Entretanto, a escola tem reforçado a identidade desses jovens como “alunos”, sendo essa apresentada enquanto uma condição natural.

É importante destacar que o jovem traz consigo para o cotidiano escolar, um conjunto de experiências sociais vivenciadas nos mais diferentes tempos e espaços. Adentrando o ambiente escolar com seus *looks*, *grifes*, uso de artigos juvenis, constituindo-se como um espaço também para estabelecer relações amorosas, de amizades, gostos e distinções de todo tipo, estabelecendo uma determinada condição juvenil que vai influenciar sua experiência escolar e os sentidos atribuídos a ela. Dessa forma, estabelece-se uma tensão no cotidiano escolar, entre ser jovem *e/ou* ser aluno.

No cotidiano escolar verifica-se um espaço de interações, com demarcação de identidades e estilos, visíveis na formação dos mais diferentes grupos, que nem sempre coincidem com aqueles que os jovens formam fora dela.

Nesse sentido, podemos verificar que o jovem busca por afirmar sua identidade no espaço escolar, de maneira individual ou coletiva, levando em consideração a dimensão da

diferença. Ou seja, muitas vezes o jovem busca ser diferente para se destacar, com o intuito de ser reconhecido ou fazer parte do grupo. No entanto, a comunidade escolar (professores, funcionários, gestores) os percebem a partir dos diversos estereótipos, quase sempre surgidos pela elaboração de uma imagem originada na mídia. Considerando-os consumistas, alienados ou violentos.

De fato, construímos e perpetuamos estereótipos³ que determinam o julgamento que fazemos dos outros e em determinadas circunstâncias, é atribuído um valor diferenciado ao indivíduo.

No entanto, devemos refletir sobre essas questões: Como a experiência escolar reforça imagens estereotipadas e preconceituosas nos alunos? Como estes fatores contribuem para o fracasso escolar? Como a escola se contrapõe e oferece possibilidades para que os jovens construam sua identidade? Estas entre tantas outras questões devem orientar o nosso olhar sobre a escola enquanto um espaço que socializa, mas também que segrega e gera violência simbólica.

METODOLOGIA

O caminho metodológico percorrido pelo presente estudo foi à pesquisa bibliográfica, que propiciou um debate sobre a categoria “juventudes”, tomando como aporte reflexões teóricas que tratam da questão em debate. Para isso, utilizamos autores como Catani (2008) e Dayrell (2014), que nos últimos anos têm colaborado para os estudos na área de juventude. No intuito de compreender como os jovens estão construindo suas identidades e marcando espaços de interação e de relações de poder, que permitem a troca de experiências, a construção e o reconhecimento de sentidos e constituição de grupos, utilizamos referências de autores como Goffman (1988), Bourdieu e Passeron (2013) e Whyte (2005).

RESULTADOS E DISCUSSÃO

É nas escolas onde percebemos grandes possibilidades de formações de grupos. Esses agrupamentos nascem da articulação, localizada regionalmente, de partícipes do mesmo estilo de vida. Entretanto, além de promover sociabilidades, uma das principais funções do

³ De acordo com o sociólogo Goffman (1988), o estereótipo se relaciona com o estigma social nos processos de construção dos significados através da interação. Entende-se por estereótipos as generalizações que as pessoas fazem sobre as características ou comportamentos de grupos sociais específicos ou tipos de indivíduos. A sociedade institui como as pessoas devem ser, e estabelece esse “dever ser” como algo natural e normal. Um estranho em meio a essa naturalidade não passa despercebido, pois lhe são conferidos atributos que o tornam diferente.

agrupamento envolve a vigilância e a defesa dos valores próprios do estilo, segundo Lima Filho (2014).

No entanto, de acordo com Dubet (2003), o processo de massificação escolar foi um dos fatores que contribuiu para um aspecto de desigualdades escolares que reproduzem largamente as desigualdades sociais, ou seja, “é a própria escola que opera as grandes divisões e as grandes desigualdades”, principalmente pelo fato desses jovens estarem sempre submetidos às provas que demonstrem desempenho, o que provoca a divisão entre os “bons” e os “difíceis”, os “interessados” e os “desinteressados”, conseqüentemente os que estarão fadados ao “sucesso” ou ao “insucesso”.

A obra “Sociedade de esquina” de White (2005) vem nos proporcionar uma perspectiva de pensarmos a categoria juventudes e como estes se inserem e convivem em grupos, assim como os jovens de Corneville.

Os personagens descritos por White são indivíduos que desempenham ações conjuntas, competindo por lideranças, formando alianças políticas e econômicas, com distribuição de bens e favores, com formação, manutenção e rompimento de laços de amizade. São esses os grupos que são acompanhados e estudados nessa pesquisa, que já aponta diferentes formas de “crescer na vida”,

Numa sociedade como a nossa, na qual é possível para os homens começar a vida de baixo e ascender, é importante descobrir quem são as pessoas que estão avançando, e como o fazem. Isso nos dá uma perspectiva da sociedade corneviliana e, ao mesmo tempo, mostra o que o mundo fora de Corneville tem a oferecer às pessoas locais. (WHITE, 2005, p. 22).

A referida obra chama a nossa atenção para o fato de que existem sempre estereótipos que são criados, nesse caso em relação a uma população pobre, de uma área considerada caótica em relação à classe média branca norte-americana e a percepção dos “de dentro”. Tal realidade pode ser percebida em outros ambientes, assim como afirma Lima Filho (2014), ao referenciar as Escolas, como palco das sociabilidades, um espaço social privilegiado na vida de seu público-mor: os estudantes. Ambientes onde percebemos fortemente a formação de laços entre os jovens estudantes, laços de afinidade, de amizade, mas também de competição, segregação e violência.

O espaço escolar é um retrato de coletividades, em termos de aspectos regionais, políticos, econômicos, sociais, mas também é esse espaço marcado por um caráter de diversidade e heterogeneidade, bem como repleto de particularidades inerentes aos sujeitos e suas vivências, as problemáticas e anseios de cada um, em todas as sociedades. Segundo Dubet (2003), nem sempre essas heterogeneidades são assim vistas nas relações cotidianas

dos jovens no ambiente escolar, este que muitas vezes são segregados a partir do estereótipo de “alunos difíceis”.

Essa ideia focaliza um conjunto de problemas sociais, que corrobora para o abandono escolar, o que caracteriza práticas aparentes de exclusão promovidas pelos agentes que são responsáveis por desenvolver estratégias didáticas de incluir esses sujeitos igualmente no espaço escolar, no intuito de minimizar práticas que ferem os direitos de cada ser humano.

Nesse sentido, Bourdieu e Passeron (1967) analisam a violência escolar na perspectiva do que ficou conhecido como *violência simbólica*, onde a instituição escolar é quem geralmente dita os conteúdos, as regras, os métodos e as avaliações e nem sempre as relações pedagógicas se constituem de forma democrática, participativa e sim de forma autoritária, tendo como sustentação a legitimidade da instituição escolar e como consequência um reforço às práticas de segregação.

White descreve em seus relatos em “Sociedade de Esquina”, as dificuldades vividas por alguns jovens dos grupos com os quais ele conviveu em Corneville. Em relação às dificuldades de encontrar um emprego e conseqüentemente as dificuldades financeiras que esses enfrentavam para viver, incluindo a falta de atividades de lazer, e como eles passavam a sentir-se inferiores aos demais membros do grupo, muitas vezes sendo ajudados pelos colegas. Tal realidade é a vivência de muitos jovens que estão nos espaços da escola, muitos sem as condições materiais de terem acesso a bens e a momentos de lazer que nesse aspecto os diferencia de outros membros do grupo, causando constrangimento e vergonha por parte desses.

A partir daí, do reconhecimento das diferenças, os sujeitos percebem não pertencerem aos mesmos grupos, e a desvinculação desse indivíduo do convívio dos agrupamentos nos recorda a discussão em Erving Goffman. Em sua obra *Estigma*, Goffman (1998) nos mostra que o estilo de vida se faz pela observação de suas regras e valores, daí a necessidade de exibí-los constantemente, por isso mesmo, não convém aos seus membros estarem na presença aos “outros”, os “de fora”, que “sujam” a legitimidade daquilo que professam. Como nos mostra Lima Filho (2014), o indesejado é excluído, no cotidiano escolar, percebemos esse ato através de brincadeiras, “tirar onda”, difamação, ou mesmo violência física. Lima

Portanto essas manifestações de processos de exclusão que acontecem no contexto escolar devem constituir uma preocupação pra os envolvidos na área (Professores, Gestores, Coordenadores...), no sentido de buscar mecanismos de enfrentamento dessas situações de segregação e violência, haja visto os danos que podem causar aos sujeitos que são vitimados por tais condutas.

Algumas das consequências trazidas por esse mal são: o afastamento dos agrupamentos, desmotivação pelas atividades escolares, evasão ou abandono à sala de aula. Destarte, cabe à escola desenvolver estratégias que viabilize garantias de um tratamento digno a cada jovem/aluno no sentido de possibilitar um ambiente livre de violência e com condições de integrar-se à comunidade escolar como todo, bem como estabelecerem relações harmônicas, livres de violência para as suas vidas.

CONCLUSÕES

Pensando a Escola e o seu papel em nossa sociedade atual, sabemos que esta precisa atender essa comunidade que frequenta o espaço escolar e se adequar buscando comunicar-se através de códigos e valores que se relacionem com esses “atores sociais” que são as “juventudes”, no sentido de minimizar os conflitos e combater as relações de violência.

No entanto é preciso fazer com que a escola faça sentido a esses jovens, refletindo à luz de Bourdieu sobre os conceitos de *Habitus* e Capital Cultural que estabelecem uma continuidade entre cultura familiar e cultura escolar. Pensando naqueles estudantes que vêm de famílias pouco ou sem escolarização, torna-se evidente então, o pouco sentido ou ausência de sentido para a prática dos estudos de tais indivíduos. Fato esse que tende a ser mais um marco de segregação entre jovens de classes menos privilegiadas, por sentirem-se excluídas em um contexto onde dizemos ser nítida a influência da escolarização na formação do indivíduo social.

Esse contexto de relações sociais ampliadas, bem como a estrutura socioeconômica dos sujeitos, tem um lugar significativo nos tipos de relações que são desenvolvidas na escola. As desigualdades sociais, econômicas e culturais têm reflexos nesse universo escolar, no sentido não só de manter, mas de reproduzir tais desigualdades.

Portanto, mediante os dilemas que resultam dessas situações, precisamos propor e assegurar aos jovens um ambiente escolar onde o seus direitos não sejam negados e nem feridos, onde as diferenças não os classifiquem em inferiores e superiores, onde suas vozes não sejam caladas, e onde suas experiências sejam além de respeitadas levadas em consideração, e conseqüentemente que os estereótipos que pressupõem situações de preconceitos sejam quebrados, permitindo assim que entendamos o próprio modo de ser, de agir e de pensar desses sujeitos.

REFERÊNCIAS

BOURDIEU, Pierre. **Los herederos: los estudiantes y la cultura**. Pierre Bourdieu y Jean-Claude Passeron. 2a ed; Buenos Aires: Siglo XXI Editores Argentina, 2009. 216p.

BOURDEIU, Pierre. PASSERON, Jean-Claude. **A Reprodução: Elementos Para Uma Teoria do Sistema de Ensino**. Petrópolis, RJ, Editora Vozes, 2013.

BRUMER, Anita. A Problemática dos jovens rurais na Pós-modernidade. In: CARNEIRO, M. J.; CASTRO, E. G. **Juventude rural em perspectiva**. Rio de Janeiro: Mauá X: 2007.

CATANI, Afrânio Mendes; GILIOLI, Renato de Souza Porto. **Culturas juvenis: múltiplos olhares**. São Paulo: Editora UNESP, 2008.

DAYRELL, J. **A escola “faz” as juventudes? Reflexões em torno da socialização juvenil**. Texto apresentado no Simpósio Internacional “Ciutat.edu: nuevos retos, nuevos compromissos”, realizado em Barcelona, em outubro de 2006.

_____. **Juventude, grupos culturais e sociabilidade**. Disponível em: <<http://www.fae.ufmg.br/objuventude/textos/ABA2004.pdf>>. Acesso em: 12 mar. 2010.

_____. **Juventude e ensino médio: quem é este aluno que chega à escola**. In: DAYRELL, J.; CARRANO, P.; MAIA, C.L. (Org.). **Juventude e ensino médio**. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 2014. p. 101-133.

DUBET, Francois. A escola e a exclusão. **Cadernos de Pesquisa**, nº. 119, jul/2003, pp. 29-45.

GOFFMAN, E. **Estigma: notas sobre a manipulação da identidade deteriorada**. São Paulo: LTC Editora, 1988.

LIMA FILHO, Irapuan P. **Culturas juvenis e agrupamentos na escola: entre adesões e conflitos**. Revista de Ciências Sociais – UFC, Fortaleza, Vol. 45, N. 1, jan-jun. 2014.

WHYTE, W. F. **Sociedade de esquina**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editora. 2005.